

O fundo do poço

Fernando Pedreira

economia - Brasil

SEGUNDO uma ordem-do-dia do Ministro Délia Jardim de Mattos, "a festa não acabou. Acabaram, sim, os subterfúgios, as inocências, as credibilidades e, acima de tudo, as mais compreensivas paciências".

E sempre arriscado tentar interpretar as palavras de um Oficial-General das nossas Forças Armadas. No caso, entretanto, não parece demais supor que o Ministro Délia tenha juntado a sua terrível voz aeronáutica às vozes civis do seu colega Beltrão, do industrial Antônio Ermírio de Moraes, do venerando economista Eugênio Gudin e de mais 99% dos brasileiros, cuja "mais compreensiva paciência" há muito se esgotou diante do malogro continuado, repetido e renovado da gestão econômico-financeira do país.

Esse cataclísmico malogro já se estende por quatro anos quase completos. Ele não é fruto de um erro ocasional, desculpável e facilmente corrigível, mas o resultado de um esforço sistemático e prolongado que tomou várias formas diferentes, sempre persegundo os mesmos desastrosos objetivos.

Nesses profícios quatro anos, prosperaram os negócios, as comissões, as corretagens e a fortuna dos altos tecnocratas e dos seus agentes e protegidos. Prosperaram igualmente a especulação, os escândalos e a roubalheira no mercado financeiro, até o recente recorde mundial do grupo

Coroa-Brastel. E prosperaram ainda enormemente, como não podia deixar de ser, a inflação e a "correção", a dívida externa e a interna, a recessão, o desemprego, a miséria e o desvalimento dos menos afortunados.

Tanta prosperidade, entre outros efeitos diversos, produziu o descrédito integral e a completa desmoralização dos grandes gestores das finanças nacionais, cuja palavra e cuja ciência já não valem meia-pataca, nem diante dos credores externos, nem diante do público interno — que somos nós todos, ai incluídos agora o Ministro Délia e seu colega Beltrão.

Esses grandes gestores, aos quais mestre Gudin chamou de "cínicos" e "caraduras", já não têm obviamente condições nenhuma (nem morais, nem mesmo técnicas) de negociar eficaz e seriamente seja o que for com interlocutores como o FMI, o Federal Reserve americano ou os banqueiros internacionais. E essa sua incapacidade, o descrédito desses homens e sua falta de autoridade moral e técnica estão hoje custando ao Brasil os olhos da cara.

O país, por trás desses negociadores desmoralizados, desmoraliza-se, assume compromissos lesivos aos seus interesses, descumpre a própria palavra e acaba sendo torcido pelos credores externos, como um pano-de-chão úmido do qual se procura extrair as últimas gotas d'água.

Ainda agora anuncia-se que, à custa de

uma feroz recessão, à custa da falência de empresas brasileiras e da miséria dos trabalhadores, prometemos ao FMI, para dezembro, um superávit comercial de 6,3 bilhões de dólares. Para quê? Para pagar a dívida e reduzir os nossos encargos? Não; pois, apesar do superávit, a dívida e os encargos vão aumentar ainda mais, arrastados pelo simples peso dos juros que pagamos (ou não pagamos): 12 bilhões de dólares, este ano. Não é preciso sequer falar do resto.

É óbvio que renegociações e acordos desse tipo só servem aos bancos ou agentes financeiros, aos intermediários e aproveitadores diversos. O país apenas se humilha e desacredita ainda mais, porque não consegue cumprir os compromissos que são assumidos em seu nome, enquanto, internamente, o povo se sacrifica e a produção agrícola e industrial se desorganiza e atrofia. O mais recente **pacote** econômico, decretado pelo Governo diante do Conselho de Segurança Nacional, é a expressão desse lamentável estado de coisas.

As diretrizes da nossa política doméstica são hoje impostas pelo FMI, cujos técnicos se convenceram de que os grandes males brasileiros são (vejam só) salários altos demais e juros muito baixos para a produção agrícola. Isto numa terra em que a grande maioria dos salários mal e mal alcança o nível da sobrevivência (ou da

decência) e onde juros ditos subsidiados estão entre 100% e 120% ao ano; onde a **prime rate**, a taxa de juros paga pelas maiores 250 empresas do país (estatais e privadas), anda pela casa dos 180% anuais e representa 58% dos custos dessas empresas — contra apenas 16% para os salários. (Cf. Betting).

De fato, se salários baixos e crédito caro fossem sempre o melhor remédio contra a desordem financeira e a inflação, então nossa economia há muito seria a mais saudável e bem administrada do mundo. Faz tempo que a medicação do FMI nos vem sendo aplicada pelos nossos próprios esculápios em doses cavalares. Aqui, ela representa apenas um esforço extremo (e cada vez mais vã) para fazer sobreviver um sistema econômico-financeiro iníquo e torto, baseado na correção monetária e na **felipeta** do crescente endividamento interno e externo.

Sem demonstrar esse sistema iníquo e torto, sem alterar as bases mesmas do nosso modelo financeiro "revolucionário", o que o Governo está agora fazendo seria simplesmente grotesco, se não fosse tragicamente desumano e impatriótico. Nos próximos dois anos, vamos cortar quase pela metade (40%) os nossos já tão magros e humildes salários e, desde já, cortamos supostos subsídios para elevar ainda mais a taxa média dos nossos juros astronômi-

cos. No mesmo dia, na mesma hora em que decreta essas coisas, diante do país embasbacado, o mesmo Governo realmente a farandola do **open** com novos leilões de seus papéis (que já nem sempre encontram compradores), na tentativa de continuar rolando uma dívida que chegou, agora em junho, aos 13,9 trilhões de cruzeiros.

Melhor seria, como disse mestre Gudin com a sabedoria dos seus 97 anos, reconhecer honestamente a falência, admitir o malogro. E demitir-se, demitir os responsáveis. A mentira está custando cada vez mais caro ao país. É preciso dizer logo a verdade, até por uma questão de economia ou de simples sobrevivência nacional. Pôr um ponto final nessas contas mal contadas, somar os prejuízos e **parar** já a sangria desatada desses juros internos e externos que estão sufocando e exaurindo o país que trabalha e produz.

O doutor Aureliano falou pela televisão, esta semana, para não dizer nada. Estamos todos esperando que ele ganhe ânimo e diga, afinal, o que a nação inteira quer ouvir. Hoje, o Governo e a economia estão a matroca. O país está numa degringolada. Se chegarmos até o fundo do poço, até o "tango argentino" do Ministro Délia, talvez 30 ou 40 anos não bastem para a recuperação nacional.

Está faltando patriotismo (e coragem) em Brasília. Pior para nós.